

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO – PROEG  
CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – CAMPUS DE NATAL**

**ANA PAULA DE LIMA SOARES BARROS**

**A INSERÇÃO FEMININA NA IGREJA PENTECOSTAL:  
UM OLHAR A PARTIR DA IGREJA CRISTÃ MARAVILHOSA GRAÇA.**

**NATAL/RN  
2016**

**ANA PAULA DE LIMA SOARES BARROS**

**A INSERÇÃO FEMININA NA IGREJA PENTECOSTAL:  
UM OLHAR A PARTIR DA IGREJA CRISTÃ MARAVILHOSA GRAÇA.**

**Trabalho monográfico de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Rio Grande – UERN.**

**Orientador: Professor Ms. William de Macêdo Virgínio**

**NATAL/RN  
2016**

**Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

Barros, Ana Paula de Lima Soares

A inserção feminina na Igreja Pentecostal : um olhar a partir da Igreja Cristã Maravilhosa Graça . / Ana Paula de Lima Soares Barros. - Natal - RN, 2016.

48 p

Orientadora: Prof. Ms. William de Macêdo Vírginio.

Monografia (Licenciatura em Ciências da Religião). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Mulher pastora. 2. História – Mulher – Igreja pentecostal. I. Virgínio , William de Macêdo. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN / BC

CDD 200

**A INSERÇÃO FEMININA NA IGREJA PENTECOSTAL:  
UM OLHAR A PARTIR DA IGREJA CRISTÃ MARAVILHOSA GRAÇA.**

**Monografia apresentada à  
Universidade do Estado do Rio Grande  
do Norte – UERN - como requisito  
obrigatório para obtenção do título de  
Licenciatura em Ciências da Religião**

**Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

**Banca Examinadora**

---

**Ms. William de Macêdo Virgínio – UERN  
Orientador**

---

**Dr. João Maria Pires – UERN  
Examinador**

---

**Dra. Maria José da Conceição Souza Vidal  
Examinador**

Dedico a todas as pessoas, em especial as mulheres,  
que lutam pelos seus direitos de igualdade  
no meio social, religioso e político.

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente a minha família. Em particular aos meus pais Marccone Soares e Renilda Maria de Lima Soares que foram os primeiros construtores da minha educação; em seguida a minha irmã Ana Patrícia de Lima Soares que sempre me ajudou como pode no meu aprendizado e sucessivamente ao meu marido Marcelo Henrique Vieira Barros que me apoiou a não desistir de minhas lutas.

Posteriormente gostaria de agradecer a todos os docentes que proporcionaram a minha formação no Curso Ciências da Religião, contribuindo para a construção do meu conhecimento e experiência. Em especial os orientadores Irene Van Den Berg e William de Macedo Virgínio.

Por ultimo, a todos os meus companheiros de classe, que estiveram presente junto comigo nesse processo, que tive a oportunidade de trocar conhecimentos, de ajudar e de ser ajudada. Especialmente a minha amiga pra todas as horas, Flávia Gomes da Silva.

[...] O propósito de Deus para a sua igreja é que todos sejam um. Por isso que o apóstolo Paulo afirmou em Gálatas 3:27 e 28: “porque todos quantos fostes batizados em Cristo vos revestistes. Destarte, não pode haver judeu nem gregos; nem escravo nem libertos; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. (RODRIGUES, 2011, P.63)

## RESUMO

Neste trabalho, discutimos sobre a inserção feminina na igreja pentecostal: um olhar a parti da igreja cristã maravilhosa graça. Nosso objetivo é analisar a inserção da ordenação pastoral feminina no pentecostalismo. Trabalhamos com a pesquisa bibliográfica qualitativa e a pesquisa de campo. Utilizamos como instrumento a entrevista semi-estruturada, no qual tem como objetivo: observar, identificar e corroborando em deprender a ocupação da posição de pastora, especialmente no pentecostalismo. Nossa pesquisa se qualifica como pesquisa explicativa. Para a realização dos resultados, abordamos a história da mulher no meio social, político, familiar e religioso no decorrer da Idade Média, para no primeiro momento entender o porquê delas não ocupar determinados cargos de poder, principalmente nas religiões cristãs tradicionais. Em seguida falamos das mudanças sociais que ocorrem em razão das divisões do mercado de trabalho, que proporciona as diversas conquistas feministas. Posteriormente é apresentado sobre a formação das religiões liberais, enfatizando a história, práticas e o diferencial na igreja pentecostal. Para então ser explicado os papeis da mulher na igreja. Em nossas análises, observamos que a conquista da ordenação pastoral feminina é provocada pelas transformações no campo religioso, e da abertura dos homens e também das conquistas dos movimentos feministas. Depreendemos a capacidade e vocação da mulher como pastora na ordenação da igreja.

**Palavras Chaves:** Mulher Pastora, história da mulher, Igreja Pentecostal, adesão da ordenação.



## **ABSTRACT**

En este trabajo, se discute sobre la entrada de la mujer en la iglesia pentecostal: una mirada desde el cristianismo maravilloso objetivo gracias. Nosso es analizar la entrada de la iglesia de la ordenación pastoral femenina en el pentecostalismo. Trabajamos con la literatura cualitativa y la investigación de campo. Se utilizó como una herramienta para la entrevista semie-estructurada, que tiene como objetivo observar, identificar y corroborando en inferida a partir de la ocupación de la posición de pastor, especialmente en el pentecostalismo. Nuestra investigación califica como una investigación explicativa. Para lograr los resultados, se discute la historia de las mujeres en la vida social, política, familia y religión durante la Edad Media, por primera vez, para entender por qué ellos no ocupan determinadas posiciones de poder, sobre todo en las religiones cristianas tradicionales. A continuación se habla de los cambios sociales que se producen debido a las divisiones en el mercado de trabajo, que ofrece los diversos logros feministas. Más tarde aparece en la formación de las religiones liberales, haciendo hincapié en la historia, las prácticas y el diferencial en la iglesia pentecostal. Para ser explicado a continuación papel de la mujer en la iglesia. En nuestro análisis, se observó que la conquista de la ordenación pastoral femenina es causada por los cambios en el campo religioso, y la apertura de los hombres y también los logros de los movimientos feministas. Definimos la capacidad y vocación de la mujer como pastor en el ordenamiento de la iglesia.

Palabras clave: Mujer Pastora, historia de las mujeres, Iglesia Pentecostal, la adhesión de la ordenación.

## SUMARIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 NEGAÇÃO DO PASTORADO FEMININO .....</b>	<b>12</b>
2.1 DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS .....	13
2.2 A RELIGIÃO COMO REFORÇO DA HIERARQUIA DOS SEXOS .....	17
2.3 AS LUTAS FEMINISTAS E AS SUAS MUDANÇAS .....	20
<b>3 A FORMAÇÃO DAS NOVAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS .....</b>	<b>25</b>
3.1 ORIGENS DA IGREJA PENTECOSTAL .....	26
3.2 A ADESÃO RELIGIOSA FEMININA AO PASTORADO .....	30
<b>4 PESQUISA DE CAMPO NA IGREJA CRISTÃ MARAVILHOSA GRAÇA .....</b>	<b>35</b>
4.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS .....	36
4.2 A VIVÊNCIA DA PASTORA K NA ORDENAÇÃO FEMININA .....	38
4.3 A VISÃO DO PASTOR J E OS TRÊS FIÉIS EM RELAÇÃO À PASTORA.....	42
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>48</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Com as mudanças sociais por meio da divisão do mercado de trabalho, da ruptura da igreja com o estado e também das lutas feministas, as pessoas vão aos poucos transformando o meio e tendo outra visão do que seria certo ou errado. A inserção da ordenação pastoral feminina é um assunto bastante discutido nos dias de hoje. Isso acontece pelo fato de muitos ainda seguirem um modelo tradicional, onde coloca a mulher em uma posição de inferioridade e incapacidade em relação ao homem. No entanto, elas vêm ocupando cada vez mais esse campo nas igrejas liberais e atraindo mais adeptos, simplesmente por possuírem características distintas que agrada mais o público atualmente.

O interesse por esse trabalho surgiu com a curiosidade em depreender como a mulher conseguiu ocupar a posição de pastora nessas novas denominações religiosas consideradas liberais. Abordaremos a igreja pentecostal pelo fato de possuírem atualmente a maior quantidade de mulheres nesse novo papel de liderança. Para encontrarmos a problemática de nosso assunto foi necessário antes pesquisarmos sobre a história da mulher até os dias de hoje, fazendo uma relação de acontecimentos político, social, familiar e religioso.

As pesquisas que fizemos, abordaram o papel da mulher na sociedade e na religião, tivemos vários autores que contribuíram para esse conhecimento. Dentre os autores selecionados enfatizo Rodrigues (2011) que contribui com a abordagem da idéia de inferioridade feminina, além de falar do papel da mulher no meio social, doméstico e religioso. E principalmente aborda a mulher no ministério pastoral. Outros autores importantes foram Souza (2009) e Machado (1996), a primeira ajudou sobre o aspecto gênero e religião como forma primeira de significar a relação de poder e violência.

Trabalhamos tanto a pesquisa bibliográfica qualitativa quanto com a pesquisa de campo. Utilizamos como instrumento a entrevista semi-estruturada a qual tem a intenção de observar, entender e identificar o tema proposto. Assim como, nossa pesquisa se qualifica como explicativa.

Os nossos objetivos nesse trabalho são para compreender a ocupação da posição de pastora, especialmente no pentecostalismo. Temos como nosso **objetivo**

**geral:** Compreender como a mulher conseguiu ocupar a posição de pastora nas igrejas pentecostais. Como **objetos específicos:** compreender a história da mulher na Idade Média e suas mudanças sociais, política, familiar e religiosa. Entender a formação das instituições pentecostais e a aceitação das mulheres no pastorado. Assim como, explicar através da pesquisa de campo como a mulher chegou ao pastorado, qual é o seu papel dentro da igreja e como é a aceitação dos fiéis.

Para facilitar a compreensão desse trabalho iremos apresentar a nossa divisão.

Na **segunda seção** explicamos a diferença entre sexo e gênero. Procuramos falar da diferença entre eles: o homem como o sexo forte, ativo e dominante, enquanto a mulher o sexo frágil, passiva e subordinada. De acordo com essas características, compreender a posições de cada um a partir da imposição do modelo patriarcal. Buscaremos também retratar como a igreja via a mulher (baseado em justificativas bíblicas) para assim conhecer o porquê da mulher antigamente não ocupar determinados papéis de poder dentro da igreja. A seguir, trabalharemos com as transformações industriais e socioculturais, abordamos as mudanças tanto para o homem como para a mulher, principalmente para o gênero feminino. É nesse período que a mulher vai ganhando força e obtendo a conquista dos seus direitos, com as lutas feministas, não só no meio social, como também no meio familiar e religioso. As mudanças sociais atingiram o campo religioso, dando abertura a novas denominações religiosas que proporciono a ocupação da mulher no pastorado atualmente.

Analisamos, **na terceira seção**, um pouco sobre essas novas instituições religiosas conhecidas como Protestante, Pentecostal e Neopentecostal. Entendemos por qual motivo elas surgiram e porque atrai tantos adeptos, principalmente das religiões tradicionais. Enfatizamos a igreja pentecostal, expondo a sua história de formação, as suas práticas religiosas e o porquê de atrair tantas mulheres. Com tudo, buscando entender porque essas igrejas aceitam a mulher no pastorado, e com que intencionalidade eles fazem isso. Posteriormente, falaremos sobre os diversos registros de papéis de destaque sobre algumas mulheres durante a história. Também discutiremos as funções desenvolvidas na igreja por essas mulheres, e enfatizaremos a inserção do pastorado feminino.

**Na quarta seção,** comentamos sobre a nossa metodologia trabalhada. Analisamos as nossas entrevistas. Falamos o que motivou a realização desse trabalho, que parte da curiosidade pessoal de compreender como aconteceu a inserção da mulher no pastorado nas igrejas novas, em especial na igreja pentecostal por possuir maior quantidade de mulheres na liderança da igreja. E em seguida, detalharemos a importância da pesquisa em campo, em que utilizamos o modelo de entrevista por meio de perguntas selecionadas, usado para obter as informações necessárias para uma comparação entre o material teórico junto com o prático. Depois usaremos o material colhido dos entrevistados da Igreja Cristã Maravilhosa Graça no intuito de compreender mais essa realidade.

Nas **considerações finais,** explicitamos o resultado de nosso trabalho. No qual podemos notar que a mudança social por meio da divisão do mercado de trabalho proporciona a atomização da igreja, que passou a ser privada. Essas transformações possibilitam a abertura da mulher lutar pelos seus direitos através dos movimentos feministas. Atendendo esses processos favorecem a inserção feminina na igreja pentecostal.

## 2 NEGAÇÃO DO PASTORADO FEMININO

Na Idade Média a sociedade vivia em um contexto patriarcal, onde os valores eram formados pela produção e reprodução da união da igreja com o estado. Esse sistema se apoiava a divisão de sexo, em que determinava a mulher como sexo frágil e o homem como sexo forte. O problema desse procedimento é que dava ao sexo masculino todo o poder e permissão de dominar o sexo feminino, pelo fato de acharem merecedoras por considerá-las sexualmente provocadoras, propícias aos demônios e intelectualmente inferiores. As inúmeras violências cometidas contra elas devido a esse quadro tinham o intuito de limitar a luta delas contra a ordem.

A religião era quem mais propiciava essa desigualdade, justificava seus argumentos nos escritos sagrados no qual é encontrado várias passagem que impedia a autonomia feminina. Um dos escritos mais conhecido esta no livro de Gênese que conta que no ato da criação por Eva não ter sido a primeira e ser criado, além de ser formada da costela de Adão, deve toda a subordinação ao homem. No entanto, existe registro que fala do ponto positivo da mulher. No caso, Maria surge nessa época como a figura positiva a ser seguido, da mãe pura e amorosa que possibilita à salvação as mulheres por meio da maternidade.

A negação do pastorado feminino acontece por esses fatores anteriores. Todavia com as mudanças sociais por razão da divisão do mercado de trabalho, que possibilita à divisão do estado com a igreja, tornado a igreja autônoma e particular, com a abertura masculina e as lutas feministas pelos seus direitos ao voto, ao controle da natalidade, entre outras coisas, proporciona a transformação nos diferentes grupos sociais quanto à conquista de inúmeros papeis, principalmente dentro da igreja.

Ou seja, nessa primeira seção temos a intenção de abordar resumidamente o que será trabalhado a seguir, ou seja, a história da mulher nas questões social, política, familiar e religiosa para sucessivamente compreender em primeira instancia o porquê da mulher não ocupar determinados papeis de liderança, principalmente nas instituições religiosas cristãs. Para depois apontar às possíveis mudanças sociais que são proporcionadas pelas lutas feministas e posteriormente a conquista de novos direitos.

## 2.1 DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS

Antes de compreendermos como a mulher conseguiu a inserção do papel de pastora na igreja pentecostal. Primeiro necessitamos conhecer o contexto histórico da mulher na idade média e sucessivamente entender o porquê delas não conseguirem ocupar nenhum papel de liderança tanto na sociedade como no meio religioso. Abordaremos alguns motivos primordiais, entre eles: Os valores sociais fundamentados na divisão de sexo e no modelo patriarcal, onde os homens impediam tudo que fosse contra a ordem. Falaremos também da violência como forma de repressão contra as mulheres. E em seguida comentaremos sobre a escrita naquela época, e como foi uma arma nas mãos dos homens que utilizavam dessa comunicação para dominar ainda mais as mulheres a seu favor.

Primeiramente vamos entender a diferença entre sexo e gênero. O sexo é determinado pelo órgão sexual, à natureza física do ser humano, segundo Araújo (2006, p. 103) coloca “sexo como entidade biológica”. Enquanto que o gênero é classificado, na maioria das vezes, devido às relações sociais determinados por seu sexo, que o autor (ARAÚJO, p. 103) fala “Entendendo gênero como a organização social da diferença sexual”. Ou seja, gênero é determinado diante do que a pessoa se percebe em relação à vontade sexual, os desejos físicos pelo outro sexo ou pelo mesmo sexo.

Independentemente das distinções sociais entre os sexos, para Oliveira (2010, p.16) e Rodrigues (2011, p. 13) dispõem que biologicamente somos iguais ao nascer, por não possuir uma noção de divisão de papéis. Mas o sexo nos classifica, apesar de possuímos a mesma capacidade de aprendizado e de realizar qualquer função, a sociedade proporciona a dimensão dos padrões de conduta e durante nosso crescimento nosso comportamento vai sendo moldado de acordo com as instruções quanto ao modo de se portar. Esses padrões determinam cada sexo seus próprios tipos de saber tradicional e suas próprias formas de lidar com as inúmeras situações da vida e do seu eu. São ensinamentos primários, valores que perpetua entre as gerações, onde os pais ensinam as crianças como devem se comportar, quais funções devem exercer, com quem deve se relacionar de acordo com cada sexo, sendo assim responsável futuramente pelo seu modo de ser e pelas distinções das funções desempenhadas no meio social por cada um.



É notável perceber que tanto o sexo feminino quanto o masculino são associados a determinados padrões sociais, no qual é apresentado por Souza (2009, p.21): “As mulheres são socializadas para a submissão, a obediência, a dependência, o cuidado com o outro, enquanto os homens são socializados para exercer poder, serem obedecidos, temidos e serem independentes”. Essas funções são introduzidas para cada um deles distintamente, por meio de características específicas no qual devem ser incorporadas, mesmo que não haja compatibilidade. Segundo Rodrigues (2011, p. 21) retrata “a imagem do homem é de ativo, levando sempre pela razão e pelo ato de vontade, em oposição às características de passividade da mulher, mais levada pela intuição e emoção.” Podemos notar que essas funções e características duais entre os sexos: de forte e fraco, ativo e passivo, superior e inferior, racional e emocional, só faz com que a sociedade se torne mais desigual, porque esses padrões acontecem de forma natural como se já fizesse parte do indivíduo. Por exemplo, é normal desde criança as meninas serem preparadas futuramente para o cuidado da casa e da família. De acordo com Machado (1996, p. 62):

A própria identidade feminina é estruturada a partir de sua inserção no universo doméstico, mas também porque a mulher tem a dupla responsabilidade da reprodução biológica *stricto sensue* da própria reprodução social da família, assumindo diretamente a responsabilidade pela manutenção da prole ou cuidado da reprodução de seus valores e crenças.

Mas nos perguntamos: Quem é o autor principal dessa socialização? Remetendo ao lugar das mulheres nos diversos grupos sociais é notável perceber desde a Idade Média que o comportamento delas é construído em um contexto cultural patriarcal, que se caracteriza por ter como figura principal o patriarca, ou melhor, o pai, o chefe de um grupo de família, onde desempenhava os papéis de procriação, administração econômica e direção política. Sendo os homens dos formadores da lei de acordo com seus princípios, ditando a posição das mulheres em relação aos homens e seus valores perante a sociedade. Eles com suas visões e seus temores são os causadores da desigualdade entre os sexos, manipulavam o pensamento e a ação das mulheres e utilizavam argumentos em cima da fragilidade delas de se defender, devido a sua pouca formação educacional proporcionando maior conformismo. É interessante o que Rodrigues (2011, p.35) levanta “a

intermediação da sociedade é que as torna diferentes, a maneira das crianças serem tratadas, com uma exaltação exacerbada do órgão masculino, de sua virilidade desde pequeno, ensinado pelo pai que é superior ao sexo feminino.” Mas os homens só afirmavam seu poder por meio da escrita, que Rodrigues (2011, p. 14) conta:

Através da literatura o homem conseguiu se identificar como ativo, oposto à identidade passiva da mulher: utilizaram várias estratégias estilísticas e retóricas, tais como o exagero, a ironia, a ridicularização, a transformação de símbolos concretos em metáforas abstratas e outras, para transformarem, nas suas imitações, as mulheres em objetos passivos e incompetentes ou estúpidos.

Os homens como os únicos letrados daquela época, aproveita desse meio de comunicação e redigiam inúmeros textos com objetivo de menosprezar o sexo feminino se colocando sempre como o sexo superior. Um dos exemplos é as primeiras revistas feitas para as mulheres, eram revistas produzidas por homens, no qual não visava às necessidades femininas e sim o modo de satisfazer a vontade masculina, em que eles colocavam: Como a mulher deveria tratar seu marido quando ele chegasse do trabalho; como cuidar da higiene e arrumação do lar; como preparar uma boa alimentação; como educar os filhos, como se arrumar: unhas, cabelo, roupas; como produzir artesanatos; entre muitos outros.

Essa condição estabelecida às mulheres, nada tinha de positivo. Considerada o sexo mais frágil e de inferioridade em relação aos homens, elas eram obrigadas a aceitar todo tipo de violência. Conforme Souza (Conversão de Belém do Pará, 2009, p. 41) apresentar “a violência contra a mulher pode ser traduzida como qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher tanto na esfera pública como na esfera privada.” As diversas formas de violências utilizadas pelo sexo masculino, que muitas vezes eram pais, irmãos e maridos, sejam a violência quais forem, eram tratadas como um direito irrefutável entre eles. Exercer a prática da violência era perpetuar tradição, afirmar seu status ou mesmo satisfazer seu prazer. Não havia impedimento por parte de ambos os sexos, por considerar essa prática aceitável por todos, por dois motivos, o primeiro porque a mulher era posse do homem e por isso ele podia fazer o que bem entendesse com ela, e segundo é por ela ser diferente da figura do macho, era considerado algo ruim e por isso merecesse qualquer correção ou repressão para

não fugir do habitual. O interessante que Souza (2009, p. 31) expõe sobre esse segundo fato:

Numa sociedade em que o homem, o rico, o branco e o heterossexual personifica o nomos, tudo o que foge a essa normalidade estruturada pode se constituir em ameaça à ordem. A mulher, o não branco e o homossexual, nesse caso, representariam a contra-ordem, sendo passíveis de punição.

Ou melhor, as mulheres vítimas desse modelo, por serem considerada ameaça a ordem, não tinham o direito de se manifestar contra esse sistema, qualquer expressão era tomada providencias imediatamente. Eram violentadas, isoladas da sociedade ou assassinadas, como método de intimidar as mulheres, e elas teriam e pensavam duas vezes antes de tentar provocar pequenas mudanças em determinados grupos sociais. É interessante que Rodrigues (2011, p.35) mostra:

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino. Ela aceita que os homens modelem o mundo, dirijam e domine. Ela aceita ser dependente e inferior e não tem aprendido a emergir como um sujeito. Ela se sente realmente como uma “eterna criança”, assim como o disseram dos operários, dos escravos negros, dos indígenas colonizados que eram “crianças grandes”, aceitando todas as leis que outros homens lhes propunham.

O pior de tudo isso é que aquelas mulheres de antigamente eram acostumadas com essas situações de subordinação aos homens. Elas próprias se consideravam mulheres do sexo frágil e inferiores, e por esse motivo deveria realizar a função de cuidar da família e do lar sem reclamar, além de acreditarem ser merecedoras das diversas violências físicas e psicológicas por ter nascido mulher. Muitas vezes concordavam com esse sistema, não porque gostassem de viver dessa forma, mas porque além de nascerem com esses valores implantados em suas vidas desde pequenas, e por não possuírem muitas vezes uma visão critica a respeito desse assunto, conseqüentemente não apresentava mudanças entre elas, todavia o medo proporcionava isso também. Ninguém rebelava contra, por considerar habituais esses valores impostos a elas, e tudo que é normal não gera questionamento.

## 2.2 A RELIGIÃO COMO REFORÇO DA HIERARQUIA DOS SEXOS

Abordaremos, nessa segunda seção, a religião tradicional que tem a função de produzir e reproduzir o modelo patriarcal, inferiorizando a mulher como o maléfico e subordinando ela ao homem devido às justificativas encontradas nos escritos sagrados. Falaremos sobre o mito do amor materno e de como a maternidade era importante para as mulheres, por se remeter a Maria mãe de Jesus Cristo. Adiante relataremos sobre o complexo de castração colocado por Freud e também sobre o porquê das mulheres não terem estudos naquela época.

Nas sociedades tradicionais, segundo Machado (1996, p.18) explica que as diversas organizações sociais se confundem aos valores religiosos, como se fosse um só, expressando um tipo de racionalidade substantiva. Os diversos grupos sociais se orientam a partir da concepção religiosa, como o único padrão a ser seguindo, que informavam ou davam significado às ações humanas. A religião tinha o papel de produzir e reproduzir os valores a serem seguidos, baseavam-se na conservação do modelo patriarcal, e infelizmente reforçando a hierarquia dos sexos, principalmente a submissão, a obediência e dependência das mulheres. Fatos esses justificados nos textos sagrados. Podemos observar que Souza (2009, p. 53) apresenta:

A religião é uma das responsáveis pela produção e reprodução dessa hierarquia dos sexos, sacralizando papéis socioculturais construídos. A religião, no campo da construção do feminino e do masculino, é uma das responsáveis pela inferiorização e secularização das mulheres em nossa sociedade.

Entre vários argumentos religiosos, o mais conhecido fica no livro Gênese, em que Deus no ato da criação do mundo fez o homem e mulher. Na leitura dessa passagem, Eva por não ter sido a primeira a ser criada e principalmente por ter sido feita da costela de Adão, trouxe por conseqüência para as mulheres a posição de inferior, tendo assim que se submeter às vontades masculinas. De acordo com Rodrigues (2011, p. 21): “Deus primeiramente criou o homem, portanto ele é superior e a ela a mulher deve toda subordinação” Por isso ela tem que exercer uma função de apoio e ajuda, para cuidar das tarefas domésticas, na criação de filhos, deixando somente aos homens a atividade nos negócios e na igreja. Infelizmente essa sociedade tida como clássica, trás um modelo religioso difícil de quebrar, no

qual as mulheres sofriam bastante. A igreja como todo o resto obrigava a mulher a obedecer ao homem, a permanecerem em seus casamentos maus sucedidos. Conforme Souza (2009, p.49) exprime:

Não raras vezes a religião atuou e atua legitimando uma cadeia de dominação baseadas no poder patriarcal, “aconselhando” as mulheres a continuarem em casamentos minados pela violência doméstica; a se submeterem aos mandos e desmandos de SUS maridos; a perseverarem como boas mães mesmo no contexto de uma gravidez indesejada; a não se conceberem como sujeitos com direito ao sexo pelo prazer etc.

A obediência ao Marido, segundo Souza (2009, p.57) expõe que era algo sagrado, representaria a própria “Glória de Deus”, as mulheres deveriam se submeter aos homens da mesma maneira que todos se sujeitam à autoridade divina e não devia ser questionada. Desobedecê-lo seria como desobedecer a Deus. Essa autoridade sagrada por parte deles chega a ter a idéia que o homem fosse o próprio Deus na terra. Porque eles tinham o poder sobre a vida das mulheres, e elas temiam isso, não só a sua vida na terra, mas também a vida além morte. Como o homem era o lado bom, a mulher era considerada o lado demoníaco, por ser considerada fraca tanto no corpo como no intelecto, tendenciosa ao pecado e à heresia, sexualmente provocadora e um perigo em potencial aos devotos homens cristãos e por fim maléfica. Por que Maléfica? Porque eram mais propicias aos demônios. Rodrigues (2011, p. 26) aborda:

Os pais da igreja fortemente enfatizavam a subordinação da mulher ao homem por causa de sua atitude negativa em relação ao corpo e à sexualidade humana. Eles interpretavam as funções femininas naturais da menstruação e do parto como parte da maldição sobre Eva por causa do seu pecado.

A repressão contra as mulheres eram tidas como culpa delas mesmas. Freud relata que as mulheres só passam por todo o sofrimento e inferioridade porque elas têm complexo de castração e inveja do pênis. Para Araújo (2006, p.107) e Rodrigues (2011, p.80) contam que Froud ao tentar desvendar o “enigma da natureza feminina”, a partir do complexo de castração e da inveja do pênis, considera o clitóris da mulher um pênis mal formado. Descobriu ele que esse complexo ou inveja leva à passividade, ao masoquismo, à frigidez, à vaidade, entre outros atributos da constituição feminina. Mas podemos avaliar essa idéia na visão de Siliprande (2006, p.15) que essa repressão é uma resistência do homem por medo de perder o poder

dentro da família diante da autonomia feminina. Por isso tanta negação do feminino. Isso acontece pelo fato de como a mulher é vista, sendo muitas vezes colocadas como algo negativo. Segundo Stevens, Ary (1988: pp.2-3) *apud* Machado (1996, p.120) pronuncia a visão da igreja:

[...] Na doutrina católica é reificada e apresentada ora como objeto sexual e sedutora (à imagem de Eva), ora como serva e/ou salvadora do sujeito sexual (à imagem de Maria, a mãe). Como Eva, as mulheres constituem o sexo frágil, vulneráveis à tentação, e portanto “seres sexualmente perigosos, ameaçando os homens de desviá-los de seus destinos de perfeição espiritual” (racional). Mas a imagem de Maria traz elementos que subvertem essa relação de inferioridade das mulheres diante dos homens. A ênfase na maternidade virginal cria condições para que Maria seja vista como um ser assexuado, e é nesta condição que a natureza inferior feminina adquire um caráter benigno e a mulher uma superioridade moral.

Mas existem na Bíblia vários mulheres que são modelos positivos como Sara, Mirian, Raabe, Debora, Rute, Hulda e Ester citados por Rodrigues (2011, p. 34) No entanto, nenhuma dessas personagens chegaram à identificação de Maria que é traduzida como símbolo de feminilidade, como um modelo a ser seguido. Infelizmente não há muitos pontos positivos em relação às mulheres. Um deles é a maternidade que Rodrigues (2011, p. 21) coloca, que através da maternidade que a mulher se assemelha a mãe Maria, e sendo por meio da procriação que seria dada a salvação. De acordo com Diderot (1713-1784) *apud* Araújo (2006, p. 104) coloca que a mulher é um ser de paixões e de emoções, comandada por um útero que constitui a essência da mulher e determinava suas experiências e pensamentos, seu lugar na sociedade e a causa de todos os seus males. Segundo Souza (2009, p.95) exprime:

Para os que creem, Maria-mãe é aquela que protege e livra de todos os perigos, é a infalível intercessora. [...] não é muito nítida a distinção entre a mãe humana e a Mãe Maria, serão esses traços que caracterizam a mãe humana. Sendo assim, as concepções da maternidade humana (da mãe) e da maternidade de Maria se fundem, criando a figura da maternidade sagrada. Entretanto, colocar um filho no mundo é diferente de ser mãe, o mito “do amor materno”.

Perdurou por muito tempo como se fosse um instinto, o mito do amor materno, no entanto a afetividade acontece como algo conquistado com a convivência. Então não há diferença entre o amor materno e paterno. Mas essa idéia conforme Souza (2009, p. 101) exprime “surge como uma forma de reprimir o poder

e autonomia da mulher, a partir da construção de um discurso que a culpará e ameaçará, caso não cumpra seu dever materno dito natural e espontâneo.”

Outro ponto positivo para as mulheres é através da velhice, no qual é o estágio da vida em que traz respeitabilidade a elas, por causa da sua experiência e sabedoria. E também porque “O envelhecimento afasta as mulheres da imagem luxuosa e tentadora de Eva e as aproxima do estereótipo de Maria, a mãe sofredora, abnegada e generosa.” que Machado enfatiza (1996, p.149). Entretanto, devido existir mais pontos negativos do que positivos descritos em relação à mulher, que elas acabam por não ter o direito de ocupar as mesmas posições de poder desempenhado pelos homens, que Rodrigues (2011, p. 19) trás:

De acordo com as opiniões tradicionalistas, somente os homens podem assumir funções de direção por serem os únicos a deter a educação, a autoridade e a mobilidade. A mulher constitui uma parte inferior de uma sociedade de onde o homem é o dono de todo o conjunto.

Esse é o motivo que fazia com que as mulheres não se rebelassem e vivessem acudadas em suas vidas. Sem estudo as mulheres não tinham a criticidade de reavaliar as suas vidas e de lutar pelos seus direitos. Elas eram alvos fáceis de domesticação. Segundo Rodrigues (2011, p.35) expressa “A mulher, ensina-se desde cedo que não precisa estudar, nem raciocinar, somente brincar e quando crescer contará com a proteção, o amor, o auxílio, a direção de outrem.” Isto é, o fato da mulher não ser letrada, tinha uma intenção, o próprio interesse por parte dos homens de dominar, porque sem estudo tornavam alvos fáceis. E é nessa hora que percebemos que a mulher é simplesmente criação do homem.

### 2.3 AS LUTAS FEMINISTAS E AS SUAS MUDANÇAS

Nessa seção, trabalharemos a modernidade, que acontece a divisão da igreja com o estado. Será apresentado o decorrer das mudanças femininas que foram acontecendo com as transformações sociais por meio das divisões do mercado do trabalho. Comentaremos sobre as lutas feministas que proporcionou a conquista do voto, da diminuição da taxa de natalidade por meio dos anticoncepcionais, as mudanças no meio familiar e principalmente dentro da igreja.

As mulheres aos poucos vão tendo acesso à educação. No entanto, determinados homens recriminavam a mulher adquirir o conhecimento básico. Para combater o que não era normal, utilizavam de artifícios violentos tanto físicos como mentais para amedrontar as mulheres. Pois acreditavam que elas observando aquelas situações, não teriam a coragem de reproduzir as mesmas atitudes. Podemos notar que Rodrigues (2011, p. 24) expressa:

Na Idade Média as mulheres começaram a ter acesso às artes, às ciências e a literatura, porém justamente com tudo isso ocorreu à repressão do feminino através das caças as bruxas. Do fim do século XV até o começo de século XVI milhares de mulheres eram queimadas vivas na fogueira, na Alemanha, Itália e em outros países.

Por que os homens temiam as mudanças femininas? Na realidade as mudanças ocorridas devido às próprias mulheres, não eram simples mudanças, e sim mudanças que podiam transformar todo um contexto social, cultural e religioso. Enquanto que para a mulher estaria abrindo fronteiras, para os homens estariam prejudicando o seu universo, por estar retirando o poder das suas próprias mãos. Eles temiam o que elas podiam se tornar e o que isso poderia causar para o meio. As informações educacionais adquiridas por elas provocariam futuras possibilidades, e a autonomia seria uma delas. Conforme Haughton (1990, p. 147-148) (2011, p. 18) *apud* Rodrigues expõe “Elas representam aquilo que uma cultura patriarcal teme: o incontrolável, o imprevisível, a fonte da própria vida, a vulnerabilidade que está no coração do macho no momento em que a dominação falha e a vida começa”

Nesse processo de transformações, a violência contra mulher ainda era freqüente. As conquistas aconteciam aos poucos, enquanto isso as mulheres continuavam sofrendo e sendo assassinadas por futilidades como: ciúme, adultério, repressão, status, prazer, etc. Segundo Rodrigues (2009, p.27) dispõem “À época do estabelecimento do código Civil de 1916, o índice de mulheres mortas por seus maridos em nome da *defesa da honra era altíssimo.*” Mas infelizmente o sistema criminal desse tipo de assassinato não inibiu os agressores, que continuaram praticando esses atos absurdos. Quanto mais os homens vão dando abertura as mulheres em suas conquistas, mais elas vão conquistando seu espaço cada vez mais firme nos diversos grupos sociais e tendo assim seus direitos de lutar em buscar do melhor para elas, que Souza (2009, p.2) apresenta:



As transformações socioculturais no ocidente, particularmente a partir de meados do século XIX, foram fundamentais para o redesenho da esfera doméstica, incluindo-se aí o redesenho das relações intrafamiliares. As transformações advindas do processo de industrialização e urbanização repercutiram definitivamente sobre a vida cotidiana de homens e mulheres. A transformação da estrutura produtiva e a crescente participação feminina no mercado de trabalho, o acesso progressivo das conquistas das mulheres à educação formal, a luta feminina e a conquista dos direitos políticos, o acesso a métodos contraceptivos que gerou uma significativa queda nas faixas de fecundidade dentre outros, tem impossibilitado importantes mudanças também na dinâmica da casa, favorecendo uma revisão do sistema de autoridade no âmbito doméstico.

No entanto, além de não acontecer imediatamente, também não era da forma mais desejável. O direito ao voto veio acontecer depois de muitas lutas dos movimentos feministas. Conforme Souza (2009, p.23) conta que a luta pelo voto feminino foi importante para o processo de transformação social. Essa conquista aconteceu em 1932, mas o direito era limitado, e somente as mulheres casadas devidamente autorizadas por seus maridos, ou viúvas e solteiras com renda própria é que tinha o benefício de voto. Logo, somente em 1934 esse direito se estende a todas as mulheres brasileiras, sendo obrigatório apenas a partir de 1946. Da mesma forma aconteceu ao direito da mulher de trabalhar fora de casa, no qual podemos notar que não houve muitas mudanças em relação à mulher como propriedade do homem. No caso a autora (SOUZA, 2009, p.25) coloca “a lei (Código Civil de 1916) exigia que as mulheres tivessem autorização de seus maridos, fossem elas de família pobre ou não. Essa legislação colocava nas mãos dos maridos o poder de decisão sobre a vida das mulheres, suas possibilidades e limitações.”

Mas a modernização acontecer quando a igreja não possui mais o poder de legitimar as suas vontades diante do meio social. Há uma autonomia das esferas de valores. A religião vira privado é uma escolha pessoal do indivíduo, assim como, a desinstitucionalização da instituição religiosa. Nas sociedades modernas depreendemos o trânsito religioso. Mas isso não quer dizer que os valores implantados tenha se extinguido de vez, elas permanecem em nosso dia a dia, no entanto não possui a mesma importância e significados que antes. De acordo com Machado (1996, p.11): “A modernização da sociedade está relacionada à contração da esfera religiosa e à retirada gradual da religião do espaço público.” Com o desenvolvimento da sociedade e dos meios de comunicação e tecnologia, vai aproximando diferentes culturas e surgindo outras formas de lidar com as mudanças ocorridas no meio social, proporcionando oportunidades de mudar antigos conceitos,

principalmente entre o sexo feminino. Para Giddens (1993, p.40) “A maior mobilidade geográfica, os meios de comunicação de massa e muitos fatores extraíram elementos da tradição da vida social que há muito tempo resistiam – ou se adaptavam – à modernidade.”

Outro acontecimento importante para a sociedade são as possíveis mudanças de hierarquia e sentimentalização do indivíduo que acontece no meio familiar, Segundo Machado (1996, p. 32) “A religião e a família (grupo onde os valores religiosos são ratificados) funcionariam como uma espécie de mecanismo de equilíbrio, oferecendo ao indivíduo uma ordem integradora e cheia de significados para a sua vida em sociedade.” Com o tempo a família vai se diferenciando do modelo de família tradicional, cada componente familiar: mãe, pai e filhos, começam a se relacionar sem muita hierarquia e com mais intimidade dos pais lidarem com os seus filhos, homens e mulheres tomam decisões de cuidar juntos da casa, tanto do ambiente, alimentação quanto no cuidado da educação dos filhos, além de todos os dois trabalharem fora para o sustento econômico do lar e pessoal. Mas com essas mudanças veio à crise do padrão de família ocorrido por dois fatores: a individualização e a sentimentalização em excesso. Conforme Machado (1996, p. 36) aborda:

Ao enfatizar progressivamente o indivíduo e situar suas necessidades e interesses particulares acima do Estado e de toda a comunidade local, a hiperindividualização acabou atingindo a própria família, pondo abaixo a diferenciação de papéis e a estrutura de autoridade caracterizada do modelo burguês. Por sua vez, ao fazer com que as considerações imediatas (preocupação da comunidade, honra, integridade do nome família, e mesmo a prosperidade material da família), a hipersentimentalização provocou um reordenamento das prioridades dessa instituição, alterando significativamente as relações entre pais e filhos e marido e mulher.

Souza (2009, p. 117) enfatiza sobre essa crise na família em estudos feitos no Brasil, no qual explica que de fato ocorreram mudanças na família nas últimas décadas, e sugerem uma crise do padrão de família no qual a mulher começa ser dominante devido “a queda das taxas de fecundidade e o aumento do número de separações, o incremento do nível educacional das mulheres e sua maior participação em atividades remuneradas.”

Devido a esses fatos - a igreja e o estado - lutaram intensamente juntas para impedir a saída da mulher do âmbito doméstico, para impedir a dissolução da família que estava relacionada à nova posição que as mulheres estavam ocupando em

sociedade comentada por Souza (2009, p.24). Devido às mulheres estarem mais incluídas na participação no mercado de trabalho, acesso à educação formal, a luta feminista dos direitos políticos, a obtenção a métodos contraceptivos, mudanças da autoridade no âmbito doméstico e a proteção da lei Maria da Penha<sup>1</sup>. Isso fez com que proporcionasse a abertura da mulher também exercer seu papel nos diversos setores dentro da igreja. De acordo com Rodrigues (2011, p. 52) reportar:

Na igreja evangélica, a mulher pode decorar a igreja local, ser dirigente de reuniões de oração, intercessora, líder de grupos de visitação em hospitais e nos lares, ajudar e auxiliar os necessitados e desprovidos, ensinar na Escola Dominical como professor de crianças (embora existam nessas salas meninos e meninas), incentivar e participar no levantamento de fundos. Porém, ela ainda encontra barreiras em exercer o ministério para adultos e o pastorado.

As igrejas tradicionais negam as mulheres no sacerdócio, o primeiro motivo é porque seguem o modelo patriarcal e o segundo porque acham que elas estão querendo tomar a posição deles, no qual tem desempenhado essa posição por toda a vida diante da sociedade. Segundo Rodrigues (2011, p. 48) Coloca que “Enganam os tradicionais ao falar que as mulheres querem realizar o papel do homem quando aspiram ao presbiterado, pois uma mulher ter vocação ministerial” Ou seja, elas querem responder a esse chamado para exercer seus dons ministeriais e isso é uma exceção das igrejas novas, tidas como pentecostal.

---

<sup>1</sup>Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8o do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

### **3 A FORMAÇÃO DAS NOVAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS**

Em razão das mudanças sociais, a igreja sofre diversas transformações, sendo elas agora autônomas e particulares. O indivíduo determina qual instituição religiosa seguir, havendo grande trânsito religioso. Pois as pessoas se encontram saindo das suas religiões tradicionais familiares e migrando para essas novas congregações religiosas. Isso acontece porque o ser humano se encontra perdido nos valores formados, e buscam novos significados que supra a suas necessidades espirituais. E com isso surge a formação das novas instituições religiosas liberais, que são elas: Protestante, Neopentecostal e pentecostal.

Enfatizando a igreja pentecostal, que se origina da festa de pentecoste e da profecia da descida do Espírito Santo. Nasce na periferia com pessoas de baixa renda e carentes de significado. Suas práticas se baseiam na profecia, cura e falar em línguas estranhas. Seus cultos são diferenciados por serem bem barulhentos, por vir acompanhado de fortes emoções demonstrado nas expressões corporais. Seu ponto importante é proporcionar uma grande abertura feminina em papéis de liderança religiosa.

Em seguida, conheceremos algumas mulheres importantes no decorrer da história das religiões cristãs. Como Mirim, Raabe, Débora, Rute, Ester, encontrados nas escrituras bíblicas, como também Catarina de Alexandria, Tacla, Marcela, Catarina de Siena, que tiveram grande importância espiritual no meio social. Para então afirmar que as mulheres sempre tiveram vocação para as realizações das vontades divinas. Então a palavra começa a ser manuseada a favor da mulher, a igualdade entre o homem e mulher de liderar a igreja.

Nessa seção, possibilitamos condições para termos o propósito de concentra as informações que serão abordados no trabalhar a seguir. No qual apontaremos a formação das instituições liberais, priorizando a igreja pentecostal. Falaremos como ela se formou, de suas características religiosas específicas e o porquê de atrair tantas adeptas femininas. Em seguida abordaremos os registros de algumas mulheres que desempenharam grandes papéis importantes na devoção religiosa. Para então falar da inserção do pastorado feminino.

### 3.1 ORIGENS DA IGREJA PENTECOSTAL

Pretendemos abordar nessa seção sobre pressupostos que motivaram a origem da formação das novas instituições religiosas, conhecidas como liberais, enfatizando as igrejas pentecostais. Procuraremos mostrar a história de formação das igrejas pentecostal, quais as características devocionais dessa instituição, em que contexto social ela iniciou e quem era seu público alvo. Falaremos e o porquê delas atraírem tantos adeptos da igreja tradicional cristã, principalmente jovem e em especial do sexo feminino atualmente, que se sentem tão acolhida nessa denominação religiosa.

Como vimos anteriormente, de acordo com Machado (1996, p.15) nas sociedades tradicionais o indivíduo não se pertence, sendo literalmente uma coisa de que a coletividade dispõe comandada pela religião. Mas com as mudanças sociais, por meio da divisão do trabalho social, o homem se manifesta ao buscar a sua própria capacitação profissional, proporcionando que a sociedade se torne um sistema de funções distintas e específicas, baseadas na diferença entre os indivíduos unidos por relações definidas. Com isso, há a alteração do caráter e dependência do homem em relação à religião.

Mas essas mudanças só foram possíveis pelo simples fato do público alvo ser jovens. Isto acontece por essa geração ser mais questionadora dos valores que lhe são transmitidos, tendo o papel de produzir os novos valores ou modificar os valores existentes com base da sua própria opinião sobre o modo de lidar com as diversas situações da vida. Segundo Siliprandi (2006, p. 7) “Os jovens são mais propensos a se adequar às mudanças da sociedade, sendo propagadores e geradores das mesmas.” Isto é, esta geração questiona os valores que lhes são transmitidos, e formam novos valores em base da sua própria opinião sobre o modo de lidar com as diversas situações da vida.

A religião, em razão das mudanças sociais, é alvo também de transformações. Ela aparece com um caráter mais racional e com menos força de dominação. Por causa do indivíduo que, independente dos valores determinados, escolhe como ser e se comportar nos diversos grupos sociais. Conforme Machado (1996, p.16) apresenta:

O domínio da religião se reduziria mais e mais na passagem para a modernidade, diminuindo progressivamente o conjunto das crenças e sentimentos de caráter sagrado. Mas a consciência coletiva não perde apenas em intensidade e determinação: seu conteúdo também modifica, tornado-se cada vez mais secular.

Isto é, o ser humano busca novos significados para a sua vida. As religiões novas surgem com esse intuito, de trazer um sistema religioso atualizado, e que não fugisse tanto das bases tradicionais. As origens das igrejas novas surgiram por meio do protestantismo, que chegou ao Brasil através da colonização por tentativa dos Franceses e Holandeses. Segundo Miranda (2009, p. 20) mostra “o protestantismo, por não se organizar a partir de um poder centralizado, dividiu-se em diferentes linhas cristãs não-católicas e, assim, surgiram às igrejas protestantes histórica, pentecostais e neopentecostais”. Enfatizando o movimento pentecostalista, revela que nasce da igreja Cristã em consequência de dois acontecimentos, em relação Festa de Pentecostes e o outro aos dons da descida do Espírito Santo.

De acordo com Souza (2007, p.18) e Souza (2004, p. 16) o termo pentecostal origina-se da festa de pentecostes, que é uma festa anual do povo judeu celebrado cinqüenta dias após a páscoa, que para os hebreus, é a memorial de sua saída do Egito depois de 400 anos escravizado, liberto pelo profeta Moisés. Também é conhecida como festa das semanas ou festa da colheita, realizada no fim da sega do trigo, ou dia seis do terceiro mês, Sivân (junho), em comemoração ao recebimento do decálogo. Mas a realização dessa festa é acidental e indireta por duas razões, porque a doutrina pentecostal está relacionada à profecia da descida do Espírito Santo, em trezentos anos depois da Reforma, no início do século 20, e segundo como manifestação dos dons do falar em línguas estranhas, chamado de glossolalia<sup>2</sup>, e da profecia como sinais que acompanha essa manifestação do Espírito Santo, encontrado no livro de Atos dos Apóstolos 2:4.

As práticas do pentecostalismo se baseiam no resgate dos princípios das igrejas Cristãs, Miranda (2009, p. 20) explicitar “tais como: o dom de liderança,

---

<sup>2</sup> Souza (2007, p. 25) define “xenoglossia [do grego xénon, estranho, estrangeiro, + glôssa, língua + -ia], o termo foi criado pelo fisiologista Charles Robert Richet [...] no qual pessoas identificadas como médiuns falam ou escrevem em línguas que ele é, geralmente, o público presente ignora, porém que se tratam de línguas existentes hoje ou que existiram no passado. A necessidade da criação do termo foi devida ao termo glossolalia, então já existente, não ter restrição de ser a língua falada ou escrita.”

sabedoria, discernimento, profecia, cura, glossolalia (línguas) e amor.” E em práticas no imaginário popular, avaliando as suas condições econômicas, em que Souza (2014, p.23) pronuncia:

O pentecostalismo assimilou doutrinariamente a exclusão social, legitimando-a mediante estatuto sagrado, construindo uma visão de mundo pautada no extravasamento das dores e das carências pelo emocional, crendo na vigência de outra linguagem, que não a deste mundo, uma língua estranha a todos os códigos lingüísticos, o apego a curas e às libertações operadas milagrosamente.

Os cultos se mostram barulhentos, participativo e agitado acompanhados de fortes emoções e expressões corporais. Pelo fato do pentecostalismo começar a suas comunidades eclesiais no Brasil com a população negra e de baixa renda. Essa camada empobrecida tem a necessidade de vivenciar e expor através das expressões corporais a sua crença. É interessante o que Souza (2014, p. 24) fala “O pentecostalismo não nasceu para conquistar legitimidade entre os pobres; pelo contrario, já nasceu legítimo porque nasceu pobre.”

O que é vantajoso nessa religião que Machado (1996, p.179) revela “os grupos pentecostais retira dos desviantes a responsabilidade pelas suas ações e ao mesmo tempo estimula a compreensão e tolerância entre os familiares e a própria comunidade religiosa.” Ou melhor, as ações negativas dos homens são mais fáceis de serem perdoadas, pela questão de não ser o indivíduo o causador da desordem em sua família, os erros cometidos aconteciam porque eles não tinham o controle de seus atos, os demônios que os dominava e os faziam cometer atos ilícitos.

É grande o trânsito religioso dos seguidores de outras denominações religiosas à essas novas instituições pentecostais. Grande parte dos adeptos do pentecostalismo veio de lares católicos de práticas religiosas tradicionais passadas de geração em geração, antes da adesão atual. Segundo Mendonça (1990: PP. 233-247) *apud* Machado (1996, p. 27) sobre a rápida difusão do pentecostalismo:

[...] Ao sugerir que a rápida difusão do pentecostalismo constitui uma reação “antiintelectualista” às religiões tradicionais, sobretudo o protestantismo, cujo processo de institucionalização reproduz os mecanismos de poder da sociedade, criando uma intermediação lógica (o discurso teológico) e uma divisão de papéis que marginalizam seus fiéis em relação ao sagrado. Altamente racionalizadas, essas religiões tendem a perder seus adeptos para as formas de religiosidade em que a crença e o ritual favorecem canais de acesso ao sagrado sob a forma de misticismo e êxtase.

A difusão dessa religião aconteceu rapidamente nos meios populares, por obra da racionalidade. As pessoas se encontravam carentes de significado em suas vidas, e as antigas doutrinas, não supria as necessidades do homem. Os valores religiosos tradicionais não satisfaziam a angústia do homem, em função de não atribuir mais sentido aos novos conceitos da modernidade. De acordo com Souza (2009, p. 73) “O leque moderno de mecanização de produção de significados tem aberto a possibilidade de combinações simbólicas múltiplas e desafiado os sistemas de significados, particularmente os religiosos, a mudanças profundas.” O pentecostalismo abre oportunidades dos fiéis demonstrarem a sua religiosidade, para isso eles utilizam por meio dos símbolos e de práticas ritualísticas, buscando se encontrar, se identificar em um determinado grupo, afirmar a sua devoção e sentir a sensação de saciedade espiritual, nem que seja momentânea. Conforme Machado (1996, p. 34) relata mais sobre esse assunto:

Os problemas enfrentados pela religião tradicional, a pluralidade de denominações e a intensa rotatividade dos fiéis expressam de forma nítida “conjuntura aflitiva da modernização, a perda coletiva e individual dos significados integradores. O indivíduo moderno sofre “uma crise de crença” e aquele particularmente afetado pode “encontrar atrativo em qualquer sistema de crenças que promete soluções – visões de mundo oferecendo coordenadas sociais e uma moral digna para viver.” Decorre daí a tese de que o ressurgimento da mística religiosa na atualidade seria uma reação à “racionalidade funcional” e um esforço reintegrativo de natureza nostálgica, com o objetivo de superar as dificuldades da ordem social moderna em que essa racionalidade impera.

Da mesma forma que alguns símbolos foram se perdendo e trazendo a sensação de perda da identidade, também foram surgindo outros significados para antigos e novos símbolos, valores e conceitos. E com essas mudanças as mulheres vão conquistando espaço religioso. Apesar de atualmente ainda considerarem as mulheres um sexo inferior e subordinado ao sexo masculino, no entanto, agora a mulher com seus direitos de liberdade, mesmo que mínima, já possibilita certo grau de igualdade entre os gêneros, e isso as proporciona a oportunidade de fazer parte dos diferentes setores sociais.



### 3.2 A INSERÇÃO RELIGIOSA FEMININA AO PASTORADO

Em seguida, conheceremos algumas figuras femininas importantes na história das religiões cristãs, mostrando que a mulher apresentou durante a história vários registros de devoção, apesar da época não deter muita importância a essas escrituras. Com as mudanças sociais, falaremos das mulheres de hoje, que se encontram mais ativas, independente e aberta a mudanças e críticas em relação aos valores impostos, principalmente do apoio de alguns homens pelas conquistas e lutas pela provável liberdade. Falaremos detalhadamente como a mulher conseguiu aderir à ordenação pastoral nessas igrejas pentecostais, avaliando alguns argumentos bíblicos.

Quem disse que a mulher não tinha grande papel no decorrer da história. Na realidade elas sempre tiveram grandes papéis, principalmente no campo religioso, no entanto não encontramos muitos registros pelo fato de ser considerado de menor importância para o homem daquela época. Isso é consequência do contexto do qual viviam, que não possibilitavam a valorização da mulher, como já demonstrado. Segundo Rodrigues (2011, p. 33-34) aponta várias personagens escritas na Bíblia e suas importâncias:

Sara – esposa de Abraão, de onde veio a linhagem de Jesus. Teve um papel preponderante na obediência a Deus. Miriam – que seguiu Moisés pelo rio. Trouxe sua mãe para alimentá-lo. A missão de Moisés era de extrema importância para a preservação do povo israelita, de onde sairia Jesus. Ela, juntamente com Arão e Moisés liderou o povo pelo deserto até a terra prometida. (Ex. 15:20-21). Raabe – uma prostituta, que salvou os espias de Josué, em Jericó, permitindo a vitória. (Js2; Mt 1:1-17). (O nome de Raabe é mencionado como antecedente de Jesus). Débora – Uma patriota famosa, escolhida por Deus para libertar seu povo. Uma profetisa que ajudou Baraque a lutar contra o inimigo de Israel. Depois de sua vitória ela governou com justiça uma terra que descansou da guerra por 40 anos. (Jz5:31). Rute – Que corajosamente salvou Noemi da desgraça, casando com Boaz, que profetisa. Era a voz de Deus no reino de Judá em um tempo onde o Senhor havia se afastado daquele povo. Foi escolhido do rei Josias. (2 Re 22:15 - 19). Ester – uma rainha que salvou a destruição de todo o povo judeu. (Ef 8:6; Ef4:16).

Espiritualmente, poderíamos citar tantas mulheres que têm se destacado como fortes guerreiras ao longo dos anos como verdadeiras cooperadoras no Reino de Deus que o autor (RODRIGUES, 2011, p. 59) coloca:

Citarei dentre muitas, Catarina da Alexandria, considerada a santa padroeira dos filósofos. Uma mulher brilhante e talentosa, que defendeu vigorosamente sua fé cristã perante a sociedade erudita da Alexandria, e muitos filósofos pagãos foram ganhos para Cristo mediante seu ministério. Ela foi tão bem sucedida que o imperador Maxêncio, que perseguia a Igreja Cristã, ordenou que fosse executada. Tecla – muito mencionada pelos da igreja, inclusive Epifânio, Ambrósio e Agostinho. Na literatura Cristã não canônica ela é chamada de apostola, à semelhança de Paulo. Tecla foi aprisionada por causa de sua fé. Alguns gregos mais tarde escreveram a respeito dela como “a primeira mártir e igual aos apóstolos”.

Marcela (324-310) em Roma estabeleceu em sua casa um centro comunitário para o ensino cristão, oração e estudo da Bíblia. Ela e algumas mulheres a quem ensinou tornaram-se tão eruditas na língua hebraica que podiam estudar o Antigo Testamento no original. Jerônimo, o primeiro tradutor do Novo Testamento grego para o latim, sugeriu certa vez que ela arbitrasse uma disputa a respeito da interpretação de certa passagem bíblica. Bispo e prelados iam a ela quando tinham problemas com a interpretação. Rica no princípio, mas morta por bárbaros durante o ataque em Roma, porque havia dado toda a sua fortuna aos pobres por isso não pode comprar sua liberdade. Catarina de Siena (1347-1380), chamada em terna idade à vida ministerial e ao evangelismo, ganhou milhares para Cristo, serviu de enfermeira a incontáveis moribundos que apanharam a peste negra e tornou-se um grande instrumento no reavivamento da igreja medieval. Ela admoestou o papa e seus cardeais a que se lembrassem da missão da igreja na salvação e combateu a corrupção eclesiástica.

De fato, observando todos esses registros, não podemos negar que as mulheres tiveram grande contribuição para a interpretação das vontades divinas durante a história das religiões monoteísta cristã. E atualmente elas continuam sendo, com muito mais ênfase, um grande exemplo de força, competência e conquista no seu trabalho pastoral.

Apesar de permanecer o modelo patriarcal, tanto no meio social quanto religioso. Infelizmente esse modelo ainda traz conseqüência à mulher aos dias de hoje, tanto econômico quanto a sua postura, por conseqüência dos preconceitos em relação a sua capacidade. No entanto, esse modelo vai perdendo força a cada dia que passa, apresentando algumas modificações significativas, pelo fato da mulher não ser a mesma daquela época. Elas reagem em relação aos conceitos pré-determinados, porque ainda são vítimas desse sistema e não desejam regredir em suas conquistas. E o fascinante é que elas na coletividade aprendem a enfrentar o patriarcado.

Mas infelizmente, não podemos negar que ainda existem mulheres que pensam e têm posturas atrasadas, pensamentos machistas<sup>3</sup>, simplesmente por

---

<sup>3</sup>Machismo é o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino. O machista é o indivíduo que exerce o machismo.

aceitarem as informações passadas pela tradição e se sentir segura nelas. Do mesmo jeito que encontramos nos dias de hoje mulheres com esses pensamentos, imagine os homens que não querem perder seu poder. Então essas pessoas ligadas aos padrões tradicionalistas, negam ainda o crescimento da mulher, principalmente na igreja como pastora. Rodrigues (2011, p. 37) apresenta:

A discussão sobre a ordenação de mulheres constitui-se em um Fenômeno moderno, pois durante a história do cristianismo tem-se aceitado sem maiores questionamentos o fato de que as mulheres não devem ser ordenadas ao ministério, simplesmente por serem mulheres.

Por serem mulheres consideradas pecadoras, inferiores, sexualmente provocativas, propícias aos demônios que são contados nas escrituras sagradas. Conforme Rodrigues (2011, p. 44) mostra os argumentos contra a ordenação de mulheres, em que coloca o argumento da natureza, da superioridade do homem e supremacia sobre a mulher, da fraqueza da mulher por ter sido a primeira a ser enganada na queda. Além de alguns pontos considerados polêmicos no que se refere à possibilidade de mulheres serem ordenadas ao ministério pastoral. Que é a questão da sexualidade e do icônico. No entanto Machado (1996, p.37) fala sobre a ordenação feminina:

A abertura dos seminários às mulheres e a ordenação feminina em algumas denominações evangélicas vêm sendo interpretadas pelos estudiosos como uma consequência da pressão das próprias mulheres, que através da associação feministas fora das denominações acabaram por aumentar a área de contato entre os movimentos religiosos e o feminismo.

Isto é, inserção das mulheres como pastoras não foi somente uma abertura dos homens, e sim a própria persistência das mulheres em mostrar que são capazes de ministrar, mas não somente isso, mas também que têm essa vocação. O surgimento das instituições pentecostais proporcionou a mulher certa igualdade diante do homem, entretanto são notáveis algumas diferenças. Como por exemplo, a mulher é considerada como sendo seu ponto forte a sensibilidade e a doação ao próximo. De acordo com Machado (1996, p.39): “no pentecostalismo, a conversão pessoal e a efetiva intimidade com Deus constituem a principal meta e o objetivo de todas as atividades religiosas, tanto para as mulheres quanto para os homens.

---

Expressam, portanto, um “critério unissex para a redenção” e uma redefinição dos papéis masculinos e femininos. Uma característica estrutural do pentecostalismo que favorece tal redefinição é a ênfase nas características femininas e maternais de Deus: generosidade, compreensão e capacidade de perdão, entre outras.”

Porém, essas instituições pentecostais vão convertendo as mulheres a fazer parte dessa congregação, não por causa da questão do pastorado, mas pelas recompensas que provocam em sua vida pessoal e familiar, Machado (1996, p.122) profere:

O pentecostalismo serve aos interesses práticos das mulheres, já que por meio dele elas podem “domesticar seus cônjuges”, que uma vez convertidos abandonam o consumo da bebida alcoólatra, as visitas as prostitutas e o vício do cigarro, canalizando o dinheiro para a família e suas demandas. E mais: ao condenar o orgulho, a arrogância e o uso da violência. E reforça a passividade, a generosidade e a humildade em homens e mulheres, a doutrina pentecostal ajuda a mudar o poder relativo dos esposos, criando um modelo alternado para a tradicional família patriarcal ou um “novo *ethos* familiar”.

O pentecostalismo vem favorecendo a mulher, pelo fato delas poderem ter certa autonomia sobre o seu conjugue, de determinar o que é melhor para a sua vida familiar em relação a elas. Dentro das igrejas pentecostais a mulher tem outras funções importantes além do pastorado, que antigamente era desprovido pelas igrejas tradicionais que Machado (1996, p. 194-195) exprime:

Hoje suas atividades não se restringem a limpar os templos, atender ao público na ausência do pastor, distribuir hinários e bíblias ou recolher as ofertas: em grande parte das comunidades religiosas analisadas aqui, elas dirigem as reuniões vespertinas para senhoras; desempenham papel importante nas difíceis sessões de exorcismo; chegam a apresentar programas radiofônicos; e até são consagradas pastoras em algumas poucas denominações, seguindo uma tendência verificada nas igrejas mais progressivas da tradição protestante.

Nas escrituras sagradas as pessoas que manuseia a palavra, escolhem determinadas passagens da Bíblia para justificar a sua vontade, saindo muitas vezes do seu contexto original. Essa é a hermenêutica<sup>4</sup> utilizada nessas igrejas liberais,

---

<sup>4</sup> A hermenêutica (*hermeneutikem* alemão; *herméneutique* em francês; *hermeneutica* em latim) pode ser compreendida como o processo de decifração de um conteúdo e de um significado manifestos para um significado latente ou escondido (PALMER, 1986).

principalmente pelas pentecostais, as quais usam a interpretação do texto de acordo com a sua realidade. Segundo Rodrigues (2011, p.53) “ Enquanto alguns de ‘mente escolásticas’ ainda afirmam a Bíblia como a inerrante e infalível Palavra de Deus, outros a tratam como um livro secular, sentindo-se livres para aceitar ou rejeitar as partes que lhes agradem ou não.”O autor (RODRIGUES, 2011, p.63) expressa:

[...] O propósito de Deus para a sua igreja é que todos sejam um. Por isso que o apóstolo Paulo afirmou em Gálatas 3:27 e 28: “porque todos quantos fostes batizados em Cristo vos revestiste. Destarte, não pode haver judeu nem gregos; nem escravo nem libertos; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.

Podemos notar que nessa passagem argumenta a igualdade do homem e mulher. Porque não há distinção daquele que escolhe o caminho da devoção a Deus. E o autor fala mais (RODRIGUES, 2011, p. 66) “homens e mulheres, realizem hoje o que não foi possível no passado: Serem sacerdotes juntos, servindo ao mesmo Sumo Sacerdote, ministrando no mesmo templo espiritual.”

#### 4 PESQUISA DE CAMPO NA IGREJA CRISTÃ MARAVILHOSA GRAÇA

A construção desse trabalho surgiu pela curiosidade de compreender como aconteceu essa mudança de que a mulher não podia ser pastora e hoje ela passou a poder desempenhar essa função em determinadas instituições religiosas. Para a realização desse trabalho, utilizamos a pesquisa semi-estruturada. No qual aplicamos o método bibliográfico e qualitativo. Adotamos também a pesquisa de campo realizada na Igreja Cristã Maravilhosa Graça.

Nessas entrevistas feitas realizadas por meio de perguntas e respostas, colhemos a história da Igreja Cristã Maravilhosa Graça, que foi formada em 2013 com três irmãos de oração junto com a pastora K. No texto será colocado Pastora K (primeira letra do nome da entrevistada), Pastor J (primeira letra do nome do entrevistado), Fiel 1M (primeiro do sexo masculino), Fiel 2M (segundo do sexo masculino) e Fiel 3F (terceiro do sexo feminino). Dialogamos com a pastora K, e procuramos compreender algumas coisas. Primeiro antes de ela aderir à inserção nessa igreja, ela relata que desde cedo já realizava muitas funções dentro da Igreja Assembléia de Deus e sempre teve vontade de ser pastora, até recebeu o chamado. Em seguida discutimos de como ela ver essa questão do pastorado feminino, no qual ela aponta os lados positivos e negativos de ser uma pastora, ou seja, o primeiro é a questão da auto-satisfação de poder ajudar as pessoas e o negativo são os comentários preconceituosos que surgem em relação a ela ser pastora e a instituição ser inclusiva. Prosseguindo, com a questão de subordinação ao homem, em que ela expressa que hoje em dia parte da mulher querer ser submissa ou não. Posteriormente apontamos também sobre o diferencial dessa igreja, o fato dela ser inclusiva. No qual inclui pessoas tanto heterossexuais quanto homoafetivos.

Em seguida, conversamos com o pastor J, no qual ele mostra não possuir problema em ter uma pastora mulher no poder da igreja. Porque ele considera que não há maior voz ativa, pois todos somos iguais perante Deus. Ao entrevistar os três fieis, eles também demonstraram não ter problema em ter uma mulher comandando a sua vida espiritual. Pelo contrario, mostraram muitas qualidades que a pastora apresenta que fazem eles se sentirem bem acolhidos, como a questão da

sensibilidade, da doação com o outro, do cuidado, além do exemplo de mulher que as mulheres procuram.

Então, na seção que segue aborda algumas coisas que serão trabalhadas a como, a metodologia do trabalho, os resultados da entrevista feita na Igreja Cristã Maravilhosa Graça tanto com a pastora K quanto com o pastor J e os três fieis.

#### 4.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Essa seção tem como finalidade explicar a classificação, quais os instrumentos, os métodos e os objetivos foram utilizados para a construção desse trabalho. Além de falar também sobre a motivação que levou a escolha do assunto a ser desempenhado. Depois explicaremos passo a passo como foi o trabalho de pesquisa de campo e de como foi colhida as informações e sucessivamente como foram utilizados esses conteúdos no texto.

A metodologia abordada nesse trabalho é classificada como explicativa, sendo utilizada como instrumento a entrevista semi-estruturada, na qual tem como objetivo observar, entender e identificar como as mulheres conseguiram conquistar o papel de pastora nas igrejas pentecostais. Para isso utilizamos tanto o método bibliográfico quanto o método qualitativo. Utilizamos a pesquisa de campo para avaliar a vivência de alguns componentes da Igreja Cristã Maravilhosa Graça em relação ao pastorado feminino. A escolha por esse estudo veio a partir da curiosidade de compreender como essas mulheres que antigamente eram tão desprovidas de direitos, principalmente no campo religioso, conseguiram desempenhar funções de tamanha importância na atualidade.

No primeiro momento, através do levantamento dos conteúdos teóricos trabalhados até agora buscamos trazer as informações necessárias para compreender a trajetória histórica social e religiosa da mulher e suas mudanças que proporcionaram aderir esse papel de liderança nas igrejas novas. Dentre os autores selecionados enfatizo Rodrigues (2011) contribui com abordagem da ideia de inferioridade feminina, além de falar do papel da mulher no meio social, doméstico e religioso. E principalmente aborda a mulher no ministério pastoral. Outros autores importantes foram Souza (2009) e Machado (1996), a primeira ajudou sobre o

aspecto gênero e religião como forma primeira de significar a relação de poder e violência. E o último colaborou com o entendimento do modelo pentecostal em relação ao novo papel da mulher. Além disso, há outros autores que tiveram também a sua eficácia no desenvolvimento do trabalho, mas de forma resumida, utilizado como conhecimento pessoal.

Para chegarmos a nosso trabalho, usaremos as informações anteriores fazendo uma comparação com o conteúdo realizado na pesquisa de campo, com a finalidade de mostrar a realidade dessa pastora entrevistada e dos demais componentes que fazem a igreja em relação à aceitação da mulher nesse papel de poder, principalmente partindo do sexo masculino. Nessa pesquisa, foram realizadas entrevistas com cinco pessoas de variadas posições, na qual foram convidados a participarem e avisados sobre o propósito da entrevista, quando concordado eram colocados alguns pontos importantes sobre a livre escolha de responder ou recusar-se a responder caso a pergunta ocasionasse qualquer constrangimento, ou desistir de participar da entrevista sem precisar apresentar justificativa para isso; no trabalho manteríamos o sigilo de sua identidade e depois informaríamos os resultados obtidos com a pesquisa. As entrevistas foram gravadas e sucessivamente transcritas. No texto será colocado Pastora K (primeira letra do nome da entrevistada), Pastor J (primeira letra do nome do entrevistado), Fiel 1M (primeiro do sexo masculino), Fiel 2M (segundo do sexo masculino) e Fiel 3F (terceiro do sexo feminino).

O roteiro utilizado se referia a determinadas perguntas com a intenção de obter informações variadas para chegarmos a entender por uma visão geral sobre a pastora conseguir esse papel e qual o julgamento das pessoas da igreja em relação dela ser uma mulher. Entre as perguntas selecionadas, as principais são: primeiro sobre a própria instituição religiosa de forma geral e específica; segundo em relação à pastora como ela conseguiu ocupar esse papel nessa igreja; terceiro se havia diferença entre o pastor homem e a pastora mulher; quarto como as pessoas a viam como pastora; entre outras perguntas.



## 4.2 A VIVÊNCIA DA PASTORA K NA ORDENAÇÃO FEMININA

Essa seção tem como finalidade comparar o embasamento teórico com o prático, e assim compreender melhor o nosso tema. A avaliação é feita com base em selecionadas questões. Abordaremos em primeira instância sobre a história dessa instituição, depois falaremos como foi o processo até a pastora K começar a ordenar na Igreja Pentecostal Maravilhosa Graça, considerada uma igreja inclusiva. Relataremos sobre as experiências da pastora, seus pontos positivos e negativos.

A história da Igreja Cristã Maravilhosa Graça, começou no início de janeiro de 2013, com o sonho do pastor J (que no momento não era pastor) e os três irmãos de oração. Na última semana desse mesmo mês de janeiro a pastora K foi convidada a participar desse grupo. No dia 06 de Fevereiro, todos estavam reunidos para a escolha do nome da igreja, que passou a se chamar Igreja Cristã Maravilhosa Graça - ICMG. Neste mesmo dia foi convidada a pastora K para ordenar nesta congregação, no qual não negou o chamado. No domingo do dia 17 de fevereiro de 2013 aconteceu o primeiro culto da ICMG, como ainda não possuíam um prédio sede para realizar os cultos contaram com a gentileza da família da diaconisa Andrea Estela que cedeu o espaço de sua casa para a realização do culto. No início da semana seguinte a liderança da igreja foi surpreendida com um prédio que estava para ser alugado em uma ótima localização da cidade do Natal/RN, na Rua Dr. José Borges, nº 1587, no Bairro de Lagoa Nova, onde permanece até hoje.

A pastora K tem 38 anos de idade, é formada em psicologia e teologia. Desde pequena já era evangélica de acordo com a tradição familiar, eles freqüentavam a Igreja Assembléia de Deus. Ela participou dessa instituição religiosa por 27 anos no qual era chamada de missionária, considerado um patamar muito alto no requisito hierárquico, todavia desvalorizado por ser feminino. No entanto não podia ser pastora, mas desempenhava várias funções dentro da igreja, como pregar, abrir campo missionário, entre outras coisas.

A Pastora K explica que a posição da mulher era de dependência e inferioridade, então a mulher não tinha voz ativa nem no meio social e principalmente no campo religioso. Segundo Miranda (2009, p.26) assegura:

A tradição judaico-cristã apresentou, ao longo de sua trajetória, a mulher como um ser inferior e submisso ao homem. Seu legado foi responsável pelo sufocamento de sua via feminina na teologia, na doutrina e na

autoridade no cristianismo. A figura feminina é associada, no catolicismo, ao modelo mariano de santidade e perfeição, ao de pecadora, personificado na figura de Eva e ao de Madalena, a pecadora que se redime.

Então a Pastora K cita uma frase de Paulo que expressa “A mulher deve estar calada”. A mesma coloca que essa tradução feita é incorreta, porque as pessoas não sabem interpretar a palavra verdadeiramente, por não ir ao fundo do texto. Ela comenta que quando Paulo diz isso, esta se referindo aos gregos que não permitiam na sua religião que a mulher se reunisse para filosofar, porque a mulher não tinha esse direito, mesmo possuindo capacidade, porém naquela época filosofar era destinado somente aos homens. É notável que a mulher tenha a competência de falar, e hoje podemos ver isso, no entanto ainda encontramos denominações religiosas tradicionalistas que proíbem a ordenação de mulheres.

A ICMG foi quem abriu as portas para a pastora K, porque já tinham o objetivo de ter uma mulher na liderança da igreja. Ela apesar de aceitar, não possuía a experiência nas funções de pastora. Mas tinha experiência no período de campo, de cuidar de ovelhas, de ser professora. Conforme Rodrigues (2011, p. 67) explica:

O pastor é chamado para pregar, ensinar e evangelizar; para levar a Igreja ao louvor e exercitar sua disciplina; a tomar conta dos enfermos, dos fracos, dos pobres; edificar uma comunidade de todos que estiverem debaixo de seu cuidado. Também é função do pastor ministrar os sacramentos. Para exercer essas funções, o pastor deve ter conhecimentos das escrituras, da doutrina e da história da igreja e dos princípios e práticas do cuidado pastoral.

Além de tudo isso, tem que possuir também um chamado divino, que é viver uma vida de oração, fé, disciplina, amor com Deus e o próximo, ouvir os fiéis e seus agravantes. Hoje ela realiza todas essas funções e ainda possui o olhar pastoral.

A pastora K apresenta vários pontos positivos por desempenhar essa função, primeiro é receber o chamado e cuidar do reino que não foi algo que você escolheu e sim Deus, segundo é ter o prazer de ver vidas transformadas, restauradas, e você saber que estão saindo revigorado, no qual estar transformando o seu modo de pensar. Noutros termos, é a satisfação pessoal de poder exercer a sua vocação religiosa de ajudar o próximo.

É bastante interessante o que a Pastora K comenta sobre a palavra submissão. Ela nos diz que a mulher tem que ser submissa. Então ela pergunta: O que seria submissão? Seria lavar, passar, cuidar do marido? Ela afirma que não

precisamos que submissão seja isso, porque submissão é igualdade, é cuidar, é dizer, é amor. Pois ela fala que é submissa quando é amada, quando faz por prazer, e não quando é imposto. Antigamente a mulher não tinha escolha na questão de submissão, mas hoje ela tem o direito de querer ou não ser submissa, porque parte de sua vontade.

Quando perguntei a pastora K se havia diferença entre o pastor homem e a pastora mulher, ela falou que não havia, e disse que o interessante nessa igreja evangélica é a liderança por uma mulher e isso é o grande diferencial, porque a igreja surgiu com o olhar voltado para a diversidade, fazendo com que a mulher tenha seu papel, principalmente no requisito hierárquico. A mesma pergunta foi feita para os três fieis que responderam também que não. No entanto em outra pergunta sobre os pontos positivos de ter uma pastora mulher, o Fiel 2M relata:

É ter uma mãe, porque ela se preocupa, faz uma leitura do comportamento, além de ser sensível, de ser delicada nas coisas, de se importar com os detalhes nos trabalhos da igreja, como um todo, desde a parte do evangelismo, de ter cautela, de ter uma preocupação. Já se fosse um pastor seria mais ousado, tivesse aquela coisa mais instintiva a fazer.

É observado que há uma diferença entre eles, a mulher pastora representa o lado sensível e cauteloso que se doa pelo próximo, enquanto o homem pastor os aspectos são mais racionais e instintivos. Portanto podemos notar as mesmas características do modelo social tradicional.

O que há de negativo que a pastora K expressou é a ignorância das pessoas de outras denominações religiosas, que por não pertencer a sua doutrina e não seguir as mesmas práticas, nos julgam errados e sem direito de salvação. Ela mostra seus argumentos “Então você olhar para uma pessoa dessa que fica das 19:30 até às 22:00 horas para louvar a Deus, para ouvir Deus, falar e você dizer que não é digno de estar aí.” Ela propõe que todos deveriam estudar um pouco de Ciências da Religião, Ideologia e História porque a religião percorre por todo um meio histórico. Para que o conhecimento seja usado somente para o bem, no qual não haja o domínio de massa, ou seja, usado para limitar, para produzir e reproduzir aqueles que gritam mais alto em suas religiões.

A pastora K relata “até um dia desses o negro não tinha alma, a mulher não tinha vez, agora abola da vez é os gays.” É interessante o que Giddens (1993, p. 42) expõe “O corpo torna-se um foco do poder disciplinar. Mas, mais que isso, torna-se

um portador visível da autoidentidade, estando cada vez mais integrado nas decisões individuais do estilo de vida.” É importante ressaltar que essa denominação religiosa pentecostal é inclusiva, isto é, participam pessoas de gêneros diferentes, tanto heterossexual quanto homoafetivos.<sup>5</sup> A própria pastora K é casada com uma pessoa do mesmo sexo. E ela fala que as pessoas que não participam da igreja acreditam que eles estão perdidos por não pertencer à estrutura familiar hétero normativos. Mas eles lêem a bíblia e não compreendem, pois na realidade a salvação não é uma questão com quem vai casar ou não, seja com homem ou mulher, a salvação é individual é uma troca sua com Deus. Giddens (1993, p.44) demonstra:

A subsequência criação de grandes comunidades de gays proporcionou um florescimento de novos grupos e associações, muito deles promovendo preferências sexuais minoritárias. A batalha para assegurar a tolerância pública à homossexualidade provocou o “aparecimento” de outras organizações interessadas na promoção do pluralismo sexual.

A Igreja Cristã Maravilhosa Graça, e outras denominações religiosas novas, têm o intuito de incluir pessoas em um determinado grupo, pois a sociedade exclui por se mostrar contra aos padrões sociais. Tanto as mulheres como os homoafetivos sofrem repressão e lutam com o mesmo objetivo de liberdade e igualdade. Não podemos concordar que a criação de outros grupos seja a solução para esse problema, compreendemos que essa seja uma saída de emergência, um meio que eles arranjam de se sentir parte de algo, de serem acolhidos. No entanto, podemos perceber a formação desses grupos geram mais exclusão do que inclusão. Pois o grupo é fechado por aqueles que concordam com esse sistema, produzindo a mesma situação que as igrejas tradicionais, que seria de julgar um ao outro.

---

<sup>5</sup>Homoafetivo é o adjetivo que qualifica uma pessoa que gosta e sente atração por pessoas do mesmo sexo. O termo homoafetivo foi criado para diminuir a conotação pejorativa que se dava aos relacionamentos homossexuais, e tornou-se uma expressão jurídica para tratar do direito relacionado a união de casais do mesmo sexo.

#### 4.3 A VISÃO DO PASTOR J E OS TRÊS FIÉIS EM RELAÇÃO À PASTORA

Nessa seção falaremos das entrevistas com o Pastor J, no qual abordaremos questão de superioridade e inferioridade entre eles. Em seguida comentaremos as entrevistas feitas com os três Fiéis, sendo dois do sexo masculino e um do sexo feminino. Embasaremos a visão deles em relação a ordenação feminina, apontando os pontos positivo de ter uma pastora tomando conta da vida espiritual. Também mostraremos os pontos negativos sobre o preconceito que ainda existe em ter uma mulher como pastora e sobre o desconforto dos homens de conversar com elas coisas pessoais. Tudo isso analisando função desempenhada pela Pastora K.

O Pasto J é o segundo presidente da Igreja Cristã Maravilhosa Graça. Ele aceita bem o fato de ter uma mulher tomando conta da igreja. No qual expõe que ter uma mulher como pastora é um motivo de muita honra e alegria, porque a pastora K além de ser uma mulher de Deus, para seguir as vontades divinas, ensina a todos a estarem no caminho correto, também é uma pessoa de liderança, reflexiva e que consegue transcender o conhecimento.

O pastor J relata como as mulheres são tratadas em sua igreja, explica que na realidade pela igreja ser inclusiva, não existe essa distinção entre macho e fêmea, mulher ou homem. Na verdade reconhecem a autoridade que vem da parte do senhor. Não compreendem o homem como se tivesse a maior voz ativa do que a mulher dentro do ministério, mas que justamente a voz do senhor estar dentro da vida daquela pessoa que estar conduzindo o rebanho, independente de gênero. Essa aceitação é normal entre os pentecostais que se diferenciam por implantar em maior grau as mulheres, os adolescentes, os negros, os pobres e os homossexuais que Siliprandi (2006, p.18) aborda, ou seja, não faz distinção por base de preconceitos sociais.

Em relação à subordinação do Pastor J a Pastora K, ou seja, de um homem inferior a uma mulher, ele explicou que se sente tranquilo em relação a isso, porque coloca que não é certo desconsiderar a história de vida de cada um. Ele diz que quando a pastora K chegou à igreja foi de clareza para todos que ela seria a pastora presidente. E justamente por ele não compreender e não vivenciar a pratica de um gênero ser mais forte do que o outro, não teve problema nenhum, pelo contrario, o pastor J disse que se sente muito sem subordinado autoridade dela.

Seguindo com a entrevista dos fieis, é interessante o que o Fiel 2M enfatiza, que não só antigamente, e sim em nossa realidade, mulheres ainda se encontram sem voz ativa e ele cita uma passagem para retratar isso do livro de Provérbios que fala que “se a mulher tivesse uma dúvida dentro do templo ela não devia perguntar naquele momento, só poderia perguntar quando chegasse em casa.” Ele mostra que antigamente existia inferioridade da mulher, entretanto expõe que nessa congregação as mulheres não sofrem essa hierarquia, como acontece em outras igrejas que as mulheres não têm tanta participação, de certa forma sofrem preconceito e a administração é mais exercida por um pastor, um ministro. Ainda fala mais, que na verdade a mulher é mais responsável por um ministério do departamento feminino, mas ficam mais na parte interna, como reuniões, visitas. Conforme Miranda (2009, p. 31) relata:

Historicamente, a liderança religiosa foi, em sua maioria, da figura masculina. Por outro lado, as denominações religiosas oriundas da Reforma Protestante, reconhecidas como cristãos não-católicos cedem cada vez mais à ordenação de mulheres pastoras.

Cada vez mais as mulheres vão ganhando seu espaço nessas denominações religiosas novas, como a pentecostal. A Fiel 3F aborda esse assunto, diz que se a gente for fazer essa hierarquia a luz da vida, ela acredita que não exista mais nos dias de hoje. Então ela coloca que a sua opinião foi só alvo de um costume que foi criado, nascido das idéias primitivas. Em que a mulher não tinha a primazia em nada, e não tinha o direito de exercer uma posição mais alta. E vendo que a mulher veio conquistando essa posição mais alta, uma hierarquia. Logo acredita que Deus não faz distinção, entre homem e mulher, nem senhor nem escravo. O Fiel 1M contribui complementando para esse pensamento, que nessa igreja em que eles freqüentam utilizam uma ideologia de igualdade, diferente de ser homem ou mulher, você pode trabalhar na igreja, ter seus ministérios, isso não interfere em nada. É um dos pressupostos, não ter diferença. E ele diz que todos dessa doutrina acreditam nesses principais pontos.

O fiel 2M diz que aceita bem ter uma mulher como pastora. E que tem um grande exemplo em sua família, sua mãe é pregadora e já pregou nessa instituição algumas vezes, e também já foi dirigente do meio de oração. O interessante que ele coloca que sempre se identificou com a pregação do culto feminino, porque ele acha que a forma de falar, a forma de passar as mensagens, é muito bonita, essa ousadia

delas e a autoridade para falar da palavra de Deus. Além do que não tem problema em ter uma líder mulher desde que seja uma pessoa que busque ter uma vida exemplar, em santidade.

O Fiel 2M fala que as pessoas perguntam sempre pelo pastor. E a pastora estar sempre em segunda opção. Portanto a sua referência é a pastora K. Quando perguntam pela igreja dele, ele se refere ao pastor J, mas principalmente a pastora K. Ele acha que as pessoas duvidam da capacidade das mulheres e é totalmente injusto, porque a mulher no século que a gente vive ela está dominando, você ver famílias em que ela ganha bem mais que os homens. E ela pode ser muito mais sábia, a bíblia refere a isso, a mulher sábia edifica a sua casa. E Jesus não diz isso por dizer, porque sabe da competência que a mulher tem de poder fazer as coisas. Ainda mais para fazer o papel de cuidar das vontades de Deus.

As mulheres se identificam com ela, a Fiel 3F narra que tem a Pastora K como um exemplo de mulher. Quando ela olha para a pastora, a ver como um anjo da igreja, ou seja, uma mulher de Deus. E que tem aprendido com ela, como ser uma boa esposa, como ser uma boa mulher, uma boa profissional. Ela a tem como um modelo de mulher a ser seguido. Mas isso acontece com uma intencionalidade, porque as mulheres são mais propícias a atrair mais adeptos, seja pela questão de afinidade, de familiaridade ou de segurança que Miranda (2009, p. 33) enfatiza:

A pastora moderna representa uma via de mão dupla na medida em que a liderança pastoral feminina não é uma conquista somente do feminino, mas configura-se um movimento próprio do campo religioso pentecostal. As igrejas, ao acirrar-se à competição, lançam mão do recurso da liderança feminina perante a expressiva maioria de mulheres fiéis para motivá-las e incentivá-las a trazerem seus esposos e filhos para a denominação.

O Fiel 1M expõe que a Pastora K é muito boa e que gostam da postura de como ela ministra. E não teria diferença se fosse homem ou mulher, pois a palavra é muito peculiar, vai de pessoa para pessoa. Ele se identifica bastante com a forma como ela prega. A Fiel 3F expressa que a mulher tem quebrado muitos paradigmas de pontos tradicionais de muitas igrejas. E provado para as pessoas que não tem diferença nenhuma de seu gênero, o que importa sim é a sabedoria de Deus, a responsabilidade que ela tem assim como um homem teria. Há única coisa negativa é que ainda vemos um pouco de crítica. As pessoas criticam e tem um olhar de

exclusão pra ela. No entanto, isso parte da minoria, porque as pessoas estão aceitando mais.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando fazemos uma comparação da mulher de antigamente, que não tinha direitos por razão do modelo patriarcal e da produção e reprodução desse modelo pela igreja tradicional, onde o homem dominava o meio, no qual estipulava a inferioridade feminina. Quanto à mulher de hoje, que possui alguns direitos e que tem o livre arbítrio de lutar sem medo por suas conquistas diante da igualdade entre os sexos. É notável perceber que estamos em um caminho bem mais avançado, principalmente quando nos deparamos com a inserção da ordenação pastoral feminina nas igrejas novas.

Os acontecimentos sociais que ocasionara as mudanças nos diferentes grupos sociais foram: primeiro pelas mudanças sociais da divisão do mercado de trabalho, segundo esse acontecimento propicia a divisão da igreja com o estado, tornado a igreja autônoma e particular, terceiro pela própria abertura dos homens e também pelas lutas feministas por igualdade entre os gêneros. Tudo isso possibilitou a possível inserção da ordenação pastoral feminina nas igrejas liberais.

É interessante ressaltar que a mulher apresenta grandes qualidades sentimentais que qualifica a sua liderança, por proporcionar mais envolvimento entre os fiéis. Que é a questão de se doar pelo outro como uma mãe faria com seus filhos. É notável que elas Possuam essa vocação para a ordenação pastoral, mas essa prática ainda é muito discutida por religiosos tradicionais, no entanto a cada dia elas mostram tamanha qualificação e capacidade, aumentando significativamente a quantidade de fiéis.

Essa formação de novas igrejas tem o intuito de incluir as pessoas de baixa renda e carente de significado em sua vida, indo contra aos princípios tradicionais cristãs, ou seja, contra a ordem. Essas instituições religiosas, principalmente o pentecostalismo, vêm ganhando força em virtude de novas práticas voltadas para o Espírito Santo, através de glossolalia, exorcismo, cura e o mais importante a aceitação das mulheres em papéis de poder.

A pesquisa de campo na Igreja Cristã Maravilhosa Graça tem a grande função de fazer uma comparação com os conteúdos teóricos com a experiência prática mostrada na realidade da pastora k, em função de todas as demais. Mesmo

sabendo que cada denominação religiosa tem sua particularidade, mesmo que se denomine de mesma congregação pentecostal. No caso dessa instituição entrevistada, o seu diferencial é pela questão de ser inclusiva. No entanto podemos notar na opinião da pastora junto com o pastor e os fieis que a ordenação feminina é aceita positivamente nessa igreja.

Gostaríamos de falar da contribuição que essa monografia trás para o curso Ciências da Religião. A partir de agora possuiremos registros que possam contribuir com reflexões sobre a inserção do papel da mulher no pastorado. Assim como, sobre o processo das conquistas da mulher na religião. Depreendemos a relevância desse trabalho para o curso Ciências da Religião.

E para finalizarmos, é imprescindível diante dos argumentos expostos ao logo do trabalho, que deixemos nossos preconceitos por causa de valores formados diante da divisão de gênero, e notemos a luta que as mulheres acirraram durante a história no campo social e religioso para mostrar a sua capacidade nessa função para então compreender a importância dessa inserção do novo papel tomado por elas nas igrejas pentecostais.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ARAÚJO, Neuza de Farias. **Relações Sociais e Gênero: Olhares cruzados América Latina Europa**. Natal, RN: EDUFRN, Editora da UFRN, 2006.
- GIDDES, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.
- MIRANDA, Fernanda Honorato. **Religião e Mulher: Liderança Feminina no Pentecostalismo Evangélico**– Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- OLIVEIRA, Hildamora Poliana Araújo de. **A representação da mulher na literatura Evangélica**. –Natal, RN, 2010.
- RODRIGUES, Silva Geruza Fernandes. **As mulheres e sua ordenação sacerdotal**. São Paulo. 2011. Fonte Editorial.
- SOUZA, Sandra Duarte de Lemos, Carolina Teles. **A casa as mulheres e a igreja: relação de Gênero e Religião no contexto familiar**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- SILIPRANDI, Aline de Moraes. **Identidade feminina e religiosa: A partir de mulheres jovens do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2009.
- SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, pra onde vai?** – Viçosa: Ultimato, 2004.
- SOUZA, João Bosco de. **Metamorfose do Pentecostalismo Histórico em uma Igreja Evangélica na Cidade do Natal** – Natal (RN), 2007.